

UMA REFLEXÃO PRÁTICA SOBRE O CONTO “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI

UNA REFLEXIÓN SOBRE LA PRÁCTICA DEL CUENTO “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI

Tamires Schneider^{1*}
Elizete Dall’Comune Hunhoff^{2**}

RESUMO: Nesta pesquisa tivemos por objetivo refletir sobre a importância da literatura infantojuvenil na formação de leitores, por meio de um *corpus* constituído pelo conto fantástico “A moça tecelã”, de Marina Colasanti. Refletimos sobre o fantástico e o maravilhoso, cujas análises no conto mostram-se como transmissoras de valores que contribuem para a formação intelectual do ser. Propusemos um estudo de campo e relatamos uma experiência prática-pedagógica realizada na Escola Professor João Batista, no dia vinte e dois de outubro, em Tangará da Serra, MT., quando pudemos constatar teoria e prática, lado a lado, com cientificidade e possível amadurecimento profissional. A metodologia foi indutiva, pois admitimos diferentes graus de entendimento sobre os processos interpretativos da leitura em nossa pesquisa, esta de cunho bibliográfico, qualitativa e de campo, proporcionou-nos uma visão holística, sobre o ensino e a aprendizagem. Com as teorias propostas por Nelly Novaes Coelho, Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Paulo Freire, Tzvetan Todorov, Fanny Abramovich, entre outros, pudemos refletir sobre a literatura, a leitura e o ensino, em nosso contexto social. Com este estudo, esperamos que o leitor, assim como nós, repense sobre o seu olhar no processo de leitura do texto literário, este como importante ferramenta para o desenvolvimento intelectual do aluno, no ambiente escolar.

Palavras-chave: leitura; literatura infantojuvenil; fantástico; ensino.

RESUMEN: En este estudio, tuvimos el objetivo de reflexionar sobre la importancia de la literatura infantojuvenil en la formación de lectores a través de un corpus formado por el cuento fantástico “A moça tecelã”, de Marina Colasanti. Reflexionamos sobre lo increíble y lo maravilloso, cuyo análisis en el cuento se muestran como transmisoras de valores que contribuyen a la formación intelectual del ser. Hemos propuesto un estudio de investigación y reportamos la experiencia práctica y pedagógica realizada en la Escola Professor João Batista, en el veintidós de octubre, en Tangará da Serra, MT., cuando vimos la teoría y la práctica lado a lado con científicos y posibles madurez profesional. La metodología fue inductivo, ya que admiten diversos grados de comprensión de los procesos interpretativos de la lectura en nuestra investigación, esta literatura huella, cualitativos y de investigación, nos he proporcionado una visión holística, sobre la enseñanza y el aprendizaje. Con las teorías propuestas por Nelly Novaes Coelho, Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Paulo Freire, Tzvetan Todorov, Candido Antonio, Moisés Massaud, Mikail Bakhtin, entre otros, podríamos reflejar la literatura, la lectura y el aprendizaje en nuestro contexto social. Con este estudio, esperamos que el lector, al igual que nosotros, repense sobre su mirada en el proceso de lectura del texto literario, esto cómo una herramienta importante para el desarrollo intelectual del estudiante en el entorno escolar.

^{1*} Acadêmica do curso de Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Tangará da Serra. E-mail: tamires_sch@hotmail.com.

^{2**} Professora Adjunta da UNEMAT. Doutorada em Letras pela USP-SP. E-mail: elizetedh@hotmail.com

Palabras clave: lectura, literatura fantástica, infantojuvenil; enseñanza.

INTRODUÇÃO

A intenção deste estudo foi refletir sobre a literatura infantojuvenil e sua importância na formação de leitores críticos. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, qualitativa e a pesquisa de campo. Neste trabalho buscamos analisar a importância dos elementos fantásticos e seus valores na literatura infantojuvenil.

Fizemos um breve histórico da literatura infantojuvenil no Brasil, desde o seu surgimento até as tendências contemporâneas. Em seguida abordamos a importância da literatura infantojuvenil, e destacamos sua função na formação de leitores; o incentivo ao gosto pela leitura; a leitura do mundo e da palavra; e a relação entre leitura e escola. Neste capítulo também abordamos a literatura fantástica e a maravilhosa, enfatizando sua função dentro de literatura infantojuvenil, por acreditarmos em seu poder na formação de leitores.

Relatamos a experiência em campo, para verificar como ocorrem a compreensão e a possível interpretação do texto literário por parte dos alunos de 1ª Ano do Ensino Médio, da Escola Estadual Professor João Batista, localizada no município de Tangará da Serra, MT, no dia vinte e dois de outubro de 2012. O método foi indutivo, pois o tema se abre a múltiplos horizontes, com muitas possibilidades interpretativas. Aplicamos o texto literário, “A moça tecelã”, observamos como se processa o entendimento da leitura e analisamos os questionários respondidos pelos alunos, assim, estabelecemos relações entre os dados colhidos a fim de obter resultados sobre a compreensão e a interpretação textual dos alunos a respeito do conto.

1 LITERATURA INFANTOJUVENIL: UMA INTRODUÇÃO

A literatura é a mais importante das artes, afirma Nelly Novaes Coelho (1997, p. 8), é por meio dela que se adquire “a *palavra*, as *idéias*, a *imaginação*, - exatamente aquilo que distingue ou define a *especificidade do humano*.” (Grifo da autora). É a literatura que abre as portas para o mundo, para se conhecer o mundo.

1.1 A LITERATURA INFANTOJUVENIL NO BRASIL

A literatura infantojuvenil começou a se moldar no Brasil, durante o período entre-séculos, quando Dom Pedro I proclamou a Independência é “que o sistema escolar nacional passa por reformas de real alcance (...) e incorpora em sua área também a produção literária para crianças e jovens.” (COELHO, 1991, p. 204). Assim, com as traduções e adaptações de livros literários para o público infantojuvenil, começou a se firmar a ideia de literatura própria, valorizando o nacional.

Firmando essa experiência literária, essa época foi de transformações aceleradas, surgindo uma nova classe econômica, a classe média, dos profissionais liberais. Atribuiu-se ao saber, como diz Coelho (1991, p. 205), um novo valor: multiplicando-se as reivindicações e manifestações nacionalistas por uma reforma literária e pedagógica, visando à formação das novas gerações brasileiras. De acordo com a autora, esses novos valores atribuídos ao sistema educativo, são: o nacionalismo, preocupando-se com a língua falada no Brasil; o intelectualismo, valorizando o estudo do livro; o tradicionalismo cultural, pela valorização de grandes obras e autores do passado; e o moralismo e a religiosidade, exigência para a formação do ser.

Nessa época a literatura infantil praticamente não existia. Foi no século XX, com o surgimento das obras de Monteiro Lobato, “um grande divisor de águas”, que houve a separação do Brasil literário de ontem e o Brasil literário de hoje. A originalidade de Lobato está, como diz Coelho (1991, p. 230), em “redescobrir realidades estáticas, cristalizadas pela memória cultural, e dar-lhes nova vida [...]”. Lobato foi e é lido por milhões de leitores que se encantam com um mundo que ele soube criar.

Os anos 20, do século XX, foram um período de confronto entre o tradicionalismo e o moderno, no qual Lobato iniciou a invenção literária, criando o verdadeiro espaço da Literatura Infantil Brasileira. Os anos 30 e 40 foram marcados por esforços para a reorganização política e construção econômica, consolidando novas políticas educativas, e crescendo a produção da literatura infantil, que em sua base “está a *intencionalidade pedagógica* que vinha do período anterior e que é perfeitamente legítima até hoje: o *saber* através do *estudo* (a começar pelo aprendizado da leitura) é o caminho ideal no preparo do indivíduo para a vida, como ser e como cidadão.” (COELHO, 1991, p. 241) (Grifos da autora).

Nesse período, anos 30 e 40, a produção literária infantil trazia diferentes tipos de narrativa: de pura fantasia, realidade cotidiana, realidade histórica, realidade mítica e realismo maravilhoso, de acordo com Nelly Novaes Coelho. E nos anos 40 deu-se a produção de quadrinhos, com super heróis e as séries de aventura, resultado da fusão entre o maravilhoso³ e a ciência.

Após a fase inovadora de Lobato, as produções criativas de valor literário podem ser distribuídas em duas grandes áreas citadas por Coelho (1997, p. 133): a do questionamento e a representação. As obras questionadoras são as obras inovadoras, elas questionam o mundo; e as obras representativas são continuadoras, pois representam o mundo. Ambas, segundo Coelho, buscam estimular os leitores a transformar e a representar o mundo “procurando mostrar (ou denunciar) os caminhos ou comportamentos a serem assumidos (ou evitados) para a realização de uma vida mais plena e mais justa.” (1997, p. 134).

Na década de 50, com a expansão dos meios de comunicação em massa e a “era da televisão”, como diz Coelho, houve uma crise na leitura, que atingiu crianças e adultos. A literatura infantil vai pelo caminho da fantasia, misturando o real com o imaginário; a valorização do folclore continua; os valores éticos são de caráter maniqueísta; e de forma geral, a leitura adquire a função de entretenimento, e não apenas como exigência escolar. Mas Coelho afirma que a grande novidade desse período foi a movimentação em favor do teatro infantil. Os anos 60 aparecem como um preparador de terreno para o grande surto criador na década seguinte. Nesse período, afirma a autora, foi firmada a televisão como novo meio de divulgação.

Importa citar, também, que neste período houve a votação para as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, fato que altera muito a realidade social. O ponto central dessa Lei é a democratização do ensino. E a leitura, diz Coelho (1991, p. 257), passa a ser vista “como habilidade formadora básica e é colocada como ponto de apoio das múltiplas atividades propostas aos alunos durante o processo de aprendizagem.” Assim, o texto literário é o ponto de partida para o estudo de gramática, alterando-se a base do ensino tradicional.

A década de 70 e 80 é marcada pela palavra experimentalismo. De acordo com Coelho, esse experimentalismo se deu na linguagem, na estruturação da narrativa e com a

³ “[...] narrativas de acontecimentos ou aventuras que se passam no mundo mágico ou maravilhoso, - espaço fora da realidade comum em que vivemos, e onde os fenômenos não obedecem às leis naturais que nos regem.” (COELHO, 1997, p. 153).

parte visual do texto; trocando aquela literatura segura por uma inquieta e questionadora, pondo em causa as relações entre a criança e o mundo e questionando os valores da sociedade. Entre outros autores, foi na década de 80 que surgiu a obra de uma grande escritora: Marina Colasanti, que se destaca no cenário literário nacional, cuja obra é abordada em nossas reflexões.

Nelly Novaes Coelho reflete sobre os problemas surgidos nessa época, os quais surgiram devido ao crescente processo de massificação da cultura. Para neutralizar isso, ela diz que volta-se a valorizar o livro como instrumento de transmissão de cultura, e a literatura volta a ser avaliada como expressão ideal do homem, de seu conhecimento de mundo, de suas experiências essenciais. Nessa ordem, a televisão poderia ser uma grande aliada a uma cultura libertadora, por sua amplitude, mas acaba sendo um inibidor, devido a programações pouco estimuladoras à formação intelectual. Pois, entendemos que é só através da consciência crítica que o indivíduo poderá preservar sua própria identidade e vontade em atuar criticamente em seu meio.

Coelho diz que os diferentes estilos, formas e linguagens, a invenção literária atual oferecem às crianças histórias atraentes, vivas e bem humoradas que, ao mesmo tempo, buscam divertir e estimular a consciência crítica e questiona: “Será esse um dos meios para se neutralizar a ameaça da inércia mental e seus correlatos [...]” (1991, p. 263). E é à “Palavra que cabe a tarefa de renomear as realidades mutantes [...]” (Id, p. 264). A autora ainda fala sobre a literatura infantojuvenil atual, apresentando três tendências:

1. A literatura realista: que pretende expressar o real, buscando testemunhar o cotidiano; informar sobre costumes, hábitos ou tradições populares; apelar para a curiosidade do leitor, explorando enigmas e mistérios; e preparar psicologicamente os pequenos leitores para enfrentar as dores e sofrimentos da vida.
2. A literatura fantasista: que apresenta o mundo maravilhoso, criado pela imaginação, prevalecendo o lúdico, prevalecendo a ficção sobre a realidade.
3. A literatura híbrida: é a mais fecunda de todas, pois une o real ao imaginário ou a fantasia; inserindo-se na linha do realismo mágico, onde o espaço básico é cotidiano e de repente entra, naturalmente, o estranho, o mágico, o maravilhoso.

Coelho (1997) enumera treze características estilísticas/estruturais da literatura infantil/juvenil, citamos algumas/;

1. Exemplaridade:

Mais do que dar exemplos ou conselhos, a literatura inovadora propõe problemas a serem resolvidos, tende a estimular, nas crianças e jovens, a capacidades de compreensão dos fenômenos, a provocar idéias novas ou uma atitude receptiva em relação às inovações que a vida cotidiana lhes propõe (ou proporá) e também capacitá-los para optar com *inteligência* nos momentos de agir. (1997, p. 137) (Grifos da autora).

A função pedagógica tende a desaparecer da literatura, o que não impede uma significativa lição-de-vida, prevalecendo as forças interiores que são inerentes à condição humana, o bem e o mal, o positivo e o negativo, ressaltando a importância de se participar dinamicamente da vida;

2. Realismo e verdade: atração pela fantasia, imaginário ou maravilhoso; este último apresenta conotação metafísica: “preocupação com o Mistério da Vida e da Morte, - preocupação com aquilo que transcende a aventura terrestre.” (1997, p. 138). Os mediadores mágicos do maravilhoso visam a estimular os personagens a agirem e desenvolverem suas próprias forças e não apenas satisfazer seus desejos.

Em cada uma dessas tendências a autora cita os títulos de obras representativas, propondo ao leitor uma ampla visão prática sobre esses estudos. Atentamo-nos à questão do realismo e verdade, sobretudo ao fantástico, que analisamos no capítulo seguinte, no qual inserimos a autora Marina Colasanti, com a obra “Doze Reis e a Moça do Labirinto”, da qual recortamos o conto que é nosso objeto de estudo, “A moça tecelã”.

Coelho (1997, p. 44) diz que a literatura contemporânea busca estimular a criatividade, a descoberta ou conquista dos novos valores em gestação, sem funcionar como exemplo ou apenas uma transmissora de valores sistematizados, e aqui entra o trabalho didático do professor, “fazendo o papel dos médicos nos partos...”. A autora (1991) afirma que o valor literário de cada obra é independente de sua inserção em uma corrente ou tendência, mas que depende do seu “fazer literário”. E para ser considerada renovadora ou atualizada, literariamente falando, não basta a criação de temas ou problemas vitais na obra, mas é preciso que o contexto ideológico se transfigure em arte.

1.2 IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Quando se fala em alfabetização, não se trata apenas de desenvolver métodos para o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, mas de desenvolver o processo de formação de leitor. A leitura, vista como aquisição de uma habilidade mecânica, deixou de ser entendida dessa maneira, e faz-se necessário entendê-la, de acordo com Ezequiel T. Silva (1983, p. 22 e 23), como uma possibilidade de penetração “ [...] nos horizontes culturais que fazem parte do mundo da escrita. Sem tal formação, o homem fica restrito, em termos gnósico-práticos, ao falar e ouvir (mundo da oralidade), sendo-lhe impossível participar do processo cultural, através dos atos de ler e escrever”. (*apud* COELHO, 1997, p. 8).

Fala-se em participação no processo cultural, muito além de uma habilidade mecânica em ler e escrever. Essa formação é um processo gradativo, iniciado desde a mais tenra idade, passando pelo desenvolvimento das capacidades e competências condizentes a cada idade do indivíduo.

Coelho (1997, p. 26) parte da questão da alfabetização e da função de literatura para falar da preocupação e da importância da formação de leitor. A primeira preocupação são as transformações sofridas na sociedade, que levam a uma preocupação em refletir sobre a educação e o ensino. Essa preocupação recai, principalmente, sobre os estudos da língua e da literatura, e, conseqüentemente, sobre a literatura infantojuvenil. Pois, diz Coelho, que o caminho essencial para se chegar ao nível da consciência-de-mundo é a palavra, a literatura. E a literatura infantojuvenil, do fantástico, do maravilhoso, do insólito têm papel fundamental, o de agente de formação. Para falar da importância da literatura deve-se ter clara a concepção de literatura como um “fenômeno visceralmente *humano*” (*ibidem*, p. 28), e que a “literatura contemporânea visa *alertar ou transformar a consciência crítica* de seu leitor/receptor.” (*ibidem*, p. 29) (Grifos da autora). Focando na literatura infantojuvenil, sua essência é a mesma, a diferença é a natureza do leitor, a criança. E afirma ainda que se deve redescobrir a literatura como uma “aventura espiritual”, para que a criança, no caso da literatura infantojuvenil, possa tornar o ato de ler um ato de aprendizagem, e não apenas como um mero entretenimento. Portanto:

A literatura infantil é uma comunicação histórica (= localizada no tempo e no espaço) entre um locutor ou um escritor-adulto (=emissor) e um destinatário-criança (= receptor) que, por definição, ao longo do período considerado, não dispõe senão de modo parcial da experiência do real e das estruturas lingüísticas, intelectuais, afetivas e outras que caracterizam a idade adulta. (SORIANO, *apud* COELHO, 1997, p. 27) (Grifos de SORIANO)

Então vemos que a obra infantojuvenil funciona como uma mensagem entre o autor (adulto), que tem experiência do real, e o leitor (jovem), o ser que deve adquirir essa experiência. Assim, a leitura se torna uma aprendizagem, configurando a importância da literatura infantojuvenil. Esta é muito mais que um mero entretenimento, pois, “Se a infância é um período de aprendizagem, [...] toda a mensagem que se destina a ela, ao longo desse período, tem necessariamente uma *vocação pedagógica*. A literatura infantil é também necessariamente pedagógica (...)”. (Grifo do autor) (SORIANO, *apud* COELHO, 1997, p. 27). Logo, a literatura é essencial para a formação do leitor e, mais ainda, para a formação do indivíduo, pois enriquece as experiências sobre o mundo e sobre a vida.

1.2.1 LITERATURA E ESCOLA

A escola é um ambiente privilegiado para a formação de indivíduo, e é, sobretudo, nos estudos literários que se efetua esse processo da realização do ser. De acordo com Coelho (2000, p. 17), o espaço escolar não deve ser um sistema rígido, reprodutor, disciplinador e imobilista e sim libertário e orientador, permitindo que o indivíduo em formação alcance o autoconhecimento e tenha acesso ao mundo de cultura.

Esse espaço escolar deve integrar lados básicos para essa formação: o lado que exige que o educando assimile informações e conhecimentos e o que estimule e liberte as suas potencialidades. (COELHO, 2000, p.17).

Para Paulo Freire (1989, p. 9), “A leitura do mundo precede a leitura da palavra [...]”. A leitura da palavra deve ser uma continuidade da leitura do mundo, e a compreensão da leitura crítica do texto só pode ser alcançada pelas relações entre texto e contexto. Ele cita suas experiências pessoais, que, primeiramente, fazia a leitura do pequeno mundo que lhe movia, e depois a leitura da palavra, ao longo de sua escolarização.

Na primeira das “Cartas a quem deve ensinar”, intitulada de “Ensinar – aprender Leitura do mundo – leitura da palavra” da obra “Professora sim, tia não”, Paulo Freire inicia com o conceito de que não se ensina sem aprender e que tudo é uma questão de estudo. Para ele, ler não é puro entretenimento ou uma operação mecânica, “Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido; daí [...] a importância do ensino correto da leitura e da escrita.” (1997, p. 20). Mais do que apenas ler o que está escrito, é compreender o que foi lido, e ensinar a ler é um engajamento em torno desse processo de compreensão, associando assim essa prática à experiência escolar.

Freire fala dessa leitura da leitura anterior do mundo, explicando que leitura do mundo é a que vem antes da leitura da palavra, para assim compreender a cotidianidade. E que essa leitura de mundo não é a única que basta para a compreensão, mas que também não deve ser colocada em um plano inferior.

Sobre essa questão de ensinar a leitura, Paulo Freire diz: “[...] *ensinar* não pode ser um puro processo, como tanto tenho dito, de transferência de conhecimento da ensinante ao aprendiz.” (1997, p. 23) (Grifo do autor), não uma transferência que resulte em uma memorização mecânica, mas um estudo crítico que diz respeito a um ensino, necessariamente, crítico, de compreender e realizar a leitura do mundo, da palavra, do texto e do contexto.

O autor ainda fala da relação entre ler e escrever, que essas práticas não devem ser separadas. São processos que devem ser percebidos como necessários ao leitor em formação. Desde que o ser humano adquire capacidade de se exprimir socialmente, a oralidade antecede a escrita. A dicotomização de ler e escrever é uma coisa que acompanha a vida do leitor, e isso revela o quão longe o leitor está da compreensão crítica do que é estudar e ensinar. Se, desde o princípio do processo de formação, fosse incentivada a leitura e a escrita, e mantida em todo tempo da escolarização, haveria um número menor de leitores que acham difícil escrever ou compreender um texto.

Assim, a leitura/escrita “[...] é um esforço que deve começar na pré-escola, intensificar-se no período da alfabetização e continuar sem jamais parar.” (FREIRE, 1997, p.26). É aí que entra a literatura infantil e infantojuvenil, textos de incentivo à leitura e também à escrita.

Portanto, a aquisição da consciência de mundo, falada por Nelly Novaes Coelho (1997, p. 45 e 46), deve dar-se no ato da leitura, mas para que seja assimilada é necessário que

a leitura consiga estabelecer relação entre o sujeito que lê e o objeto, o livro. Mas esse conhecimento não se dá de forma rápida, aos poucos é adquirido, por isso fala-se da importância da orientação que deve ser dada às crianças, para que elas consigam estabelecer as relações necessárias entre a obra, seu mundo interior e o mundo exterior, formando assim a consciência de mundo.

Regina Zilberman (2003, p. 21), quanto à escola, afirma que esta tem o papel de “introduzir a criança na vida adulta, mas, ao mesmo tempo, o de protegê-la contra as agressões do mundo exterior”, sendo que ela acentua a divisão entre indivíduo e sociedade; apresenta um modelo hierárquico em que a comunidade é igualada perante à autoridade do professor; e a convivência se dá em um grupo homogêneo, e não em um grupo social múltiplo.

1.3 O FANTÁSTICO E O MARAVILHOSO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Refletindo sobre as novas tendências da literatura infantojuvenil, principalmente sobre a literatura fantasista a literatura híbrida (COELHO, 1991), no realismo e verdade (COELHO, 1997) encontramos a literatura fantástica e o maravilhoso.

1.3.1 CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE A LITERATURA FANTÁSTICA

O conceito de fantástico é uma linha tênue entre o real, o estranho e o maravilhoso. Ocorre na incerteza entre este e aquele, a partir dos próprios conceitos do que é real e do que é imaginário. Segundo Tzvetan Todorov (1992, p. 37), “A hesitação de leitor é pois a primeira condição da fantástico”, pois é na dúvida entre o real e o imaginário que ele se consolida. Essa hesitação não atinge somente o leitor, mas também a personagem, que deve decidir por uma solução, saindo do modo fantástico.

Mas, de acordo com os recentes estudos sobre o fantástico, verificados por Irene Severina Rezende (2008) em sua tese de doutorado, o fantástico não depende da escolha do leitor em optar por um modo ou outro. Como observou Irène Bessière (1974, *apud* REZENDE, 2008, p. 48), o fantástico rompe com a ordem do cotidiano e a ordem do sobrenatural e ambos são postos em discussão. Para a autora o fantástico não se define por

características internas a determinados seres e objetos, mas já se supõe como um gênero literário. Bessière (1974, *apud* REZENDE, 2008, p. 49) diverge da teoria de Todorov no que diz respeito à hesitação do leitor. Segundo Rezende, ela explica que o indivíduo que é posto frente a acontecimentos estranhos, conhece as leis naturais, somente não sabe definir se os fatos são sobrenaturais ou se cabem ao real concreto, por serem, justamente, inaceitáveis no mundo em que ele habita. Para Rezende (Ibid, p. 49), Bessière diz que o fantástico consiste na contradição entre o real e o irreal, e não na recusa de um ou outro, como afirmou Todorov. A realidade é posta em dúvida, (REZENDE, 2008, p. 49 e 50), mas não quer dizer que tem que ser explicada, o real e o irreal existem simultaneamente dentro da narrativa, causando a ambiguidade necessária ao fantástico; ocorre a junção entre o racional e o irracional, e não o conflito entre eles.

Rezende (Ibid, p. 51) define que o fantástico, como afirmou Todorov, localiza-se no limite entre o real e o irreal, desenha um mundo natural em que ocorrem acontecimentos impossíveis de serem explicados pelas leis naturais que regem o mundo real; e causa o estranhamento do leitor. Segundo Freud (1976, *apud* REZENDE, 2008, p. 51), pois o leitor é levado a um mundo além do que é normal e concreto, onde o racional é corrompido pelo irracional dentro da narrativa (BESSIÈRE, 1974, *apud* REZENDE, 2008, p.51).

No fantástico contemporâneo, segundo Rezende (2008, p. 52 e 53), o homem questiona e investiga os próprios limites; o fantástico provém de metáforas e imagens que são capazes de manifestar o desconhecido e o estranho na realidade que nos cerca (MALRIEU, 1992, *apud* REZENDE, 2008, p. 52 e 53). A introdução do inexplicável no mundo natural, diz Rezende, pode ser considerada o sobrenatural no fantástico moderno; mas este sobrenatural não pode ser aplicado ao conto de fadas e ao maravilhoso, pois em ambos não ocorre estranheza e nem dúvidas sobre o mundo real, visto que as leis mágicas são aceitas como naturais dentro de ambas as narrativas.

1.3.2 O MARAVILHOSO

Todorov (1992, p. 180) define: “[...] o maravilhoso implica que estejamos mergulhados num mundo de leis totalmente diferentes das que existem no nosso; por este fato, os acontecimentos sobrenaturais que se produzem não são absolutamente inquietantes.”

No maravilhoso não ocorre a hesitação, a surpresa do insólito, os acontecimentos são tomados como naturais dentro da história. Ocorre um movimento inverso, enquanto o fantástico se preocupa em exaltar o acontecimento estranho ou sobrenatural, no maravilhoso, esse acontecimento não causa hesitação, ele se torna natural dentro da própria história.

O conto maravilhoso, por vezes foi identificado como forma igual ao conto de fadas, segundo Coelho (1987, p. 11), por ambos pertencerem ao mundo do maravilhoso e expressarem atitudes, tanto na vida quanto na literatura, desde o princípio dos tempos até os dias presentes, atitudes que movem a realização interior, no nível existencial e a realização exterior, ao nível do social. As duas narrativas não se anulam, pelo contrário, se complementam, de acordo com a autora (1987, p. 14), elas expressam atitudes humanas bem distintas diante da vida.

Os contos de fadas apresentam como eixo gerador uma problemática existencial, diz Coelho (1987, p. 13), em que o herói ou heroína realizam-se em sua essência, para que o herói alcance a sua autorealização existencial, por ele mesmo ou pela idealização da princesa encontrada.

Os contos maravilhosos têm como eixo gerador uma problemática social, segundo Coelho (1987, p. 14), em que a autorealização do herói acontece no âmbito socioeconômico, pela conquista de bens materiais e riquezas.

O maravilhoso, segundo Coelho (1997, p. 50), sempre foi e continua sendo um dos elementos mais importantes da literatura para crianças e jovens. Para a Psicanálise, diz a autora, os elementos simbólicos do conto maravilhoso estão ligados aos dilemas que o homem enfrenta em seu processo de amadurecimento emocional. A literatura infantojuvenil, de acordo com Coelho, pode ser decisiva na formação da criança, tanto em relação a ela mesma quanto em relação ao mundo à sua volta. Os valores maniqueístas, presentes nas obras, levam a criança a ter uma compreensão de certos valores básicos da conduta humana.

A Psicanálise afirma que a criança é levada a se identificar com o herói/heroína, pela sua personificação de beleza e bondade, (COELHO, 1997, p. 51), assim ela, inconscientemente, é levada a resolver sua própria situação, “[...] superando o medo que a inibe e ajudando-a a enfrentar os perigos e ameaças que sente à sua volta e assim, gradativamente, poder alcançar o equilíbrio adulto.”.

A presença do mal nas histórias maravilhosas, segundo o psicólogo B. Bettelheim (*apud* COELHO, 1997, p. 51 e 52), é tão onipresente quanto a virtude. O bem e o mal estão presentes na vida e em todo o ser humano. Essa dualidade faz parte da realidade, e não existe ao mesmo tempo, assim a criança visualiza plenamente a diferença entre esses valores. Isso contribui para a formação da personalidade, ensinando às crianças a estarem preparadas para grandes dificuldades, tendo coragem e otimismo. As crianças sabem que as histórias são inventadas, porém não são falsas, (*Ibidem*, p. 52 e 53), pois acontecem de forma semelhante ao plano de suas experiências pessoais. Dessa forma, a literatura está aí para servir de mediadora dessa função: ajudar a criança a encontrar significado na vida.

2 “A MOÇA TECELÃ”: UMA ABORDAGEM DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Uma aula prática sobre leitura e interpretação, com o objetivo de refletir sobre como ocorre o processo da leitura e procurar entender como os alunos interpretam o texto literário, foi realizada em uma classe do Ensino Médio, turma A, 1º. Ano, da Escola Estadual Professor João Batista, localizada no município de Tangará da Serra, MT. Desenvolvemos a princípio um Plano de Aula, o qual foi aplicado no dia 22 de outubro de 2012, para os vinte e nove alunos presentes, e teve a duração de duas horas/aula. Os alunos tinham em média a faixa etária de 14 e 15 anos e foram escolhidos devido à indicação da professora de português da escola, por ser a turma que melhor produz e mais se interessa por novos conteúdos e novos aprendizados.

Depois de distribuídas as fotocópias do conto “A moça tecelã”, solicitamos que os alunos realizassem uma leitura silenciosa, destacando palavras e expressões desconhecidas ou não entendidas. Em seguida os alunos pesquisaram em dicionários essas palavras, cujos significados contextuais foram esclarecidos para sanar as possíveis dúvidas que surgiram. A segunda leitura foi em voz alta pela proponente da aula, enquanto os alunos a acompanhavam. Após as leituras, os alunos começaram a levantar seus questionamentos, sobre as atitudes das personagens e também a respeito da verossimilhança da história.

Em seguida, propusemos aos alunos que respondessem a um questionário com dezenove questões, tanto de compreensão do conto, quanto questões que os fizessem refletir sobre a realidade, sobre o mundo em que vivem, focando nos valores transmitidos pelo texto

interpretando as questões que constituíram o *corpus*, com seus respectivos dados encontram-se anexadas ao final deste texto, para esclarecimentos ao leitor, pois nem todos os dados foram analisados por entendermos que o mais interessante neste estudo é a amostragem, cujo eixo se volta à produção de leitura. Os dados analisados foram escolhidos aleatoriamente, e nos quais procuramos identificar como ocorre a prática de leitura em ambiente escolar. Procuramos confrontar os dados colhidos com o que dizem os autores elencados neste estudo.

2.1 OS OLHARES SOBRE O TEXTO LITERÁRIO

Em nossa prática em sala de aula, quando abordamos o conto “A moça tecelã”, direcionamos sua reflexão para a realidade contextual dos educandos. Os alunos souberam elevar os temas do conto para outro plano, o plano que atravessou o texto literário e trouxe as discussões para o seu dia a dia. Por meio do questionário aplicado, pudemos depreender o nível de interpretação dos alunos, à compreensão textual e à compreensão dos sentidos.

De um modo geral, todos os alunos se solidarizaram com a história da personagem do conto e demonstraram sua compreensão por meio das respostas. Analisamos as questões mais pertinentes para este estudo, e os alunos foram denominados A, B e C. Os dados analisados abaixo encontram-se transcritos conforme a escrita dos discentes, com seus desvios gramaticais e ortográficos.

Na pergunta dois: “Qual é o poder do tear? O que ele simboliza? Como você explica sua função no conto?”, procuramos verificar a compreensão sobre o objeto mágico, o tear:

A – De trazer tudo o que queria, ele simboliza um mundo irreal onde tudo o que é sonho se realiza. Ele teve o poder de mostrar que tudo o que tem é o que basta;

B – O poder do tear era enorme pois ela poderia tecer o que lhe faria feliz. O tear simbolizava a criação da perfeição, sua função era fazer a moça feliz.;

C – O tear tem poder de criação, simboliza o início de tudo e o fim de tudo. Tem função excenssial.;

Os alunos observaram o poder do tear, que a partir dele a personagem criava todo o seu mundo. O aluno A configurou o mundo da personagem como irreal por ser possível a

realização de todos os sonhos. Os alunos B e C definiram o tear como portador de poder absoluto, em que tudo é possível por meio dele.

Na pergunta sete, “Como você define a personalidade das duas personagens? Cite qualidades e defeitos e comprove com trechos do conto.”, os alunos deveriam depreender, por meio das ações das personagens, suas características, qualidades e defeitos, e comprová-las com trechos do conto:

A – Ela pensa pelos dois, ele só pensa em si mesmo. Ele ‘Em nada mais pensou em não nas coisas que aquilo poderia lhe dar’. Ela ‘Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido’;

B – A moça era simples e feliz com a vida que tinha, já o moço era ambicioso e só pensava em luxo, nem dava carinho e atenção para a moça;

C – Moça: objetiva ‘Tecer era tudo o que fazia, tecer era tudo o que queria fazer.’ Marido: egoísta ‘É para que ninguém saiba do tapete’;

Os alunos identificaram a protagonista como uma personagem boa, que sofria pelas ações do antagonista, este foi caracterizado como egoísta e ambicioso, pois só pensava em seus caprichos de vontades, não correspondendo às expectativas da personagem.

A décima e a décima primeira questão “Você acha que o marido agiu de forma correta? Por quê?”; “Você acha que a personagem agiu de forma correta ao desfazer seu companheiro? Argumente.” Nessas questões pedíamos a opinião dos alunos a respeito das ações do antagonista, e a respeito da ação da protagonista ao desfazer seu companheiro:

A – Não. Porque quando se ama uma pessoa tem que tenta-la fazer feliz.; Sim. Porque ele não a fazia feliz;

B – Não, porque ele deveria ter aceitado a vida da moça como era; simples e feliz sem luxo; Sim, porque o marido estava ficando muito possessivo e a moça não descançava e ela percebeu que ela era muito feliz com a vida simples que tinha pois tecer o que era o que ela gostava;

C – Não, passar por cima de alguém não traz sucesso; Sim, desfazendo seu companheiro ela voltava para sua vida, sem ser escrava do mesmo;

Os alunos tiveram a mesma opinião a respeito das ações das personagens, não concordaram com a atitude do antagonista e se posicionaram a favor da protagonista, que desfez seu marido. Essas respostas começaram a revelar, por meio das opiniões dos alunos, os valores que foram apreendidos do conto, pois todos desejaram um relacionamento feliz para a protagonista, seu companheiro não cumpriu isso, por consequência todos concordaram com o

ato de destecê-lo. A resposta do aluno B fala sobre a vida simples da personagem, que ela era mais feliz com a vida sem luxos e sem riquezas; e a resposta C diz que ela se tornou uma escrava do marido, e toda a sua vida foi tomada pelos desejos dele.

A questão doze, “Você esperava uma atitude diferente por parte da protagonista? E por parte do antagonista?”, reforça a opinião dos alunos sobre as personagens, pois indagava se os alunos esperavam atitudes diferente por parte delas:

- A – Sim esperava que ambos pudessem ser felizes juntos até o fim;
- B – Da protagonista não, mas, do antagonista sim, pois achei que ele iria ser perfeito como as coisas que ela tecia;
- C – Não, é uma atitude previsível, de se esperar, pois em uma situação parecida, também me livraria do ‘problema’;

As respostas variaram bastante, mas todos desejaram a felicidade da protagonista, sozinha ou acompanhada. Na resposta A, o aluno esperava que a história acabasse com um “e foram felizes para sempre”, como em contos de fadas. A resposta do aluno B, concorda com a protagonista e esperava que ela agisse desfazendo seu marido, mas, quanto ao antagonista, esperava que ele fosse o companheiro perfeito. Na resposta C, o aluno trouxe o problema para a sua realidade, contou que agiria da mesma forma que a protagonista, se vivesse um momento semelhante.

As perguntas treze e catorze, “Coloque-se no lugar da personagem principal: como você reagiria se tivesse um (a) companheiro (a) como o retratado no conto?”; “Agora faça o contrário: se você fosse o (a) companheiro (a) como procederia?”, levaram os alunos à reflexão pautada na sua realidade, eles tiveram que se imaginar na situação ora da protagonista ora do antagonista e contar o que fariam no lugar deles:

- A – Faria o mesmo desmacharia essa pessoa dos tecidos da minha vida; Faria feliz quem tentou o mesmo por mim;
- B – Eu iria fazer como a moça diz, pois a riqueza do amor era muito mais importante do que dos bens materiais. E ela queria um marido que a amasse de verdade; Eu iria amar e respeitar meu companheiro acima de qualquer bem material;
- C – Me livraria dele, desteceria como ela fez; Procederia diferente, iria ser feliz, iria buscar a felicidade com o tear, não riquezas em si;

As respostas voltaram a afirmar a posição dos alunos em relação às personagens e aos valores repassados. Todos desejaram ser felizes, tanto ao lado de um (a) companheiro (a) ou sozinhos, se melhor for, independente de riquezas e bens materiais.

A décima sétima pergunta, “Qual é a mensagem que você apreende deste conto? Explique.”, revela a mensagem que os alunos apreenderam do conto:

A – ‘Melhor sozinho do que mal acompanhado’, porque você está sozinho e feliz do que infeliz mal acompanhado;

B – Que não importa o quanto de riquezas temos em nossas mãos, se não amarmos e pensarmos só em riquezas as pessoas mais especiais podem nos destecer de suas vidas;

C – Ambição não leva a lugar nenhum. Indecisão não traz felicidade;

Percebemos que nessa questão persiste a ideia dos alunos sobre a felicidade. O aluno A fez uso de um ditado popular para demonstrar que a felicidade independe de ter um (a) companheiro (a). A segunda resposta fez referência às riquezas e aos bens materiais, o aluno afirmou que o amor e as pessoas são mais importantes. E a última resposta, direta e objetiva, condenou a ambição e exaltou o poder de escolha e decisão, que a felicidade deve ser buscada por meio de atitudes e ações, como fez a protagonista do conto.

Na última questão, ”Elabore um pequeno resumo do conto, focando em sua interpretação sobre o mesmo.”, solicitamos que os alunos elaborassem um pequeno texto resumindo seu entendimento sobre o conto, tanto sobre a história quanto sobre os valores. E esses resumos serviram para reafirmar as reflexões que cada aluno fez. Por isso, vamos encerrar a análise com a pergunta dezoito, “Se você possuísse um tear mágico, como o retratado no conto, o que você gostaria de tecer? Por quê? E o que você gostaria de destecer? Por quê?”, em que os alunos escreveram o que gostariam de tecer e destecer no mundo que os rodeia:

A – Teceria umas coisas para que acontecesse uma melhor vida de todos. Desteceria pessoas falsas que já nos machucaram profundamente;

B – O amor dentro das pessoas que não tem, pois o mundo não é nada sem ele. Eu gostaria de destecer todos os sentimentos ruins, porque o mundo seria muito melhor;

C – Eu desteceria meus problemas: intriga etc. Eu não teceria nada, pois não haveria graça na vida;

Os alunos, assim como a protagonista do conto, desejaram a felicidade. O aluno A, desejou um vida melhor a todos, e desteceria aquilo que lhe causou algum dano, para completar sua felicidade. O aluno B teceria o amor, pois o mundo não seria nada sem ele. E o aluno C desteceria o que lhe obstrui a felicidade e não teceria nada, pois demonstrou preferir as surpresas que a vida lhe proporciona.

Para Marisa Lajolo (1997, p. 106), é à literatura que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos pelos quais se expressa e discute os impasses, os desejos, as utopias, por isso é importante no currículo escolar. “Cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando.” Ao conhecer as interpretações de um texto, o leitor é livre para aceitá-las ou recusá-las, e para sobrepor sua interpretação que nasce do diálogo com o texto.

A autora (1997, p. 107) fala sobre as divergentes leituras de um texto literário, de um lado as interpretações registradas pela comunidade intelectual e de outro a livre interpretação do leitor, em que esta pode ser paralisada por aquela, e cabe ao professor de leitura e literatura o equilíbrio entre essas divergentes interpretações. Lajolo aposta numa concepção de leitura que a enxerga como instituição e como prática coletiva ao mesmo tempo, e privilegia a reflexão sobre a natureza e o caminho social da leitura, e deixa em segundo lugar as discussões metodológicas.

Nesse sentido, na prática realizada em sala de aula, demos preferência às interpretações livres, cada aluno pôde tecer seus comentários, impressões, opiniões, emoções sobre o texto literário, de forma que configura a leitura como prática coletiva e traça seu caminho social. Assim, para que a leitura se torne um hábito, na rotina dos leitores em formação, exige-se familiaridade com grande número de textos, e o conto fantástico se efetivou como texto que despertou a atenção e a curiosidade dos alunos, pois os mesmos levantaram questionamentos sobre a maneira que o texto foi construído, dentro de um universo com leis próprias.

Para Nelly Novaes Coelho (1997, p. 44 e 45) toda a leitura feita em sintonia com a essencialidade (mensagem) do texto lido vai resultar na formação da consciência-de-mundo no leitor, que representa determinadas realidades e valores e configura o poder de transmitir e difundir as ideias, padrões, valores que são inerentes ao fenômeno literário. No ato da leitura

do texto literário, afirma a autora, dá-se o conhecimento da consciência de mundo, que foi transmitida pelo escritor, a partir de suas vivências, experiências, valores e visão de mundo. Para o leitor assimilar essa consciência de mundo, é necessário que a leitura estabeleça uma relação essencial entre o sujeito que lê e o objeto que é o texto lido. Nesse sentido, diz a autora (1997, p. 46), representa-se a importância da orientação a ser dada às crianças e jovens para que possam assimilar as ricas relações entre o universo literário e seu mundo interior, para que se formar uma consciência que auxilie e acresça suas relações com o mundo real.

A leitura do texto literário se configura como fonte de descobertas sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo a sua volta. Fanny Abramovich (1997, p. 98 e 99) afirma que a literatura, a ficção e as histórias abordam temas e problemas pelos quais a criança/jovem esteja atravessando ou tenha interesse. A abordagem desses assuntos da realidade, segundo a autora, não deve ser superficial, pois qualquer assunto pode despertar a curiosidade e o interesse da criança e do jovem.

Qualquer assunto pode ser importante, e isso não depende apenas da curiosidade da criança (se não estiver particularmente interessada no tema, lerá sem maiores envoltórios... e dia virá em que aquele livro [texto literário] lhe será revelador e esclarecedor!). Depende também do desenvolvimento do mundo, das contradições que a criança vive e encontra à frente, se se envolve com elas ou apenas observa os fatos, e para isso é preciso estar atento e poroso a tudo o que acontece... (há temas datados, que pela própria evolução dos costumes deixaram de ser polêmicos, pois, dum jeito ou de outro, a civilização os integrou... há outros que estão surgindo devagarinho, há outros efervescentes, sobre os quais o momento de falar urge e se impõe). (ABRAMOVICH, 1997, p. 99 e 100).

Percebemos que os jovens presenciam em sua realidade as mais variadas situações, escutam sobre diferentes assuntos e convivem com pessoas diferentes em seu lar e, principalmente, na escola. O texto literário tem esse poder de tornar suas descobertas e suas conquistas mais fascinantes, ajudando a criança e o jovem a encarar a realidade de uma maneira menos dura e mais prazerosa, proporcionando-lhes momentos únicos.

A prática com o conto “A moça tecelã” revelou a maneira como os alunos refletem o texto literário, trazendo-o para o seu contexto. Fanny Abramovich diz que as crianças/jovens já vivenciam ou encontrarão pela frente situações que são retratadas nos textos literários, e a leitura os ajudará a encarar e a superar os seus problemas. No caso dos alunos que

participaram de nossa prática, que têm entre catorze e quinze anos, os valores que apreenderam deste conto dizem respeito à felicidade própria, à busca pela felicidade, assim, o texto literário se efetiva como transmissor de valores que contribuem para a formação de seres conscientes de seu papel perante o mundo e perante a si mesmos.

Percebemos que a professora orientou-nos à escolha dessa classe devido os alunos serem “bons”. Isso comprovamos no quesito disciplina, aplicação das leituras e das respostas, porém, as argumentações foram breve, não se soltaram, não trouxeram elementos intertextuais, exceto um aluno que inseriu um provérbio “Melhor sozinho do que mal acompanhado”. Nesse sentido, pudemos observar que o trabalho com o texto literário em sala de aula, no que diz respeito à interpretação e compreensão, deve ser mais explorado, pois os alunos não desenvolveram suas ideias, não exploraram outras possibilidades de sentido. Por outro lado, demonstraram que gostaram bastante do conto aplicado, pois se envolveram na trama e trouxeram o texto literário para suas vidas. O tempo que tivemos com estes alunos foi curto, mas relativamente importante, pois é um passo a mais em direção a um ensino de literatura que desperte a atenção e o gosto pela leitura, fazendo com que tenham mais discernimento de sua condição frente ao mundo e que tenham a capacidade de mudarem sua realidade.

CONCLUSÃO

Neste estudo, ao refletimos sobre a literatura infantojuvenil, vimos que esta é de fundamental importância no incentivo à leitura. Enfocamos no fantástico como um dos aspectos que podem auxiliar na formação intelectual do ser, pois, conforme seja seu conteúdo, transmite valores que são importantes para a criança/jovem formar uma consciência crítica.

Os elementos fantásticos foram observados a partir do conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti, que retrata a história de uma jovem, a qual, por meio de seu tear mágico, tecia o que necessitava e o que desejava; nesse ato mágico percebemos que a presença dos elementos insólitos causa a estranheza ao leitor, chamam a atenção por levarem à reflexão sobre os limites da realidade, e ao questionamento sobre a condição humana frente à realidade. Enredos dessa natureza envolvem o leitor e, principalmente levam a um amadurecimento intelectual.

Escola Estadual Professor João Batista confirmaram a importância da literatura, sobretudo a literatura infantojuvenil, comprovada por meio das interpretações dos alunos a respeito do conto. Este, além de incentivar a leitura, despertam o interesse, por parte dos alunos, pelas histórias fantásticas. A prática em sala de aula revelou que, os alunos, considerados ‘bons’, foram capazes de expressar a compreensão do texto, mas se utilizaram de poucos argumentos e elementos intertextuais, não chegando à interpretação. Esta prática configurou mais um importante passo em direção ao incentivo à leitura, pois os alunos demonstraram que apreciaram o conto e o refletiram em sua realidade.

Nesta pesquisa teórica e prática, confirmamos que é por meio da leitura que se adquire a consciência de mundo, ao se estabelecer as relações entre a obra, o mundo interior e o mundo exterior. Dessa forma, nossa pesquisa se efetiva como formadora da consciência crítica e da consciência de mundo, pois entendemos o quanto a escola deve levar textos literários e não literários aos alunos, motivando-os a ler, e conseqüentemente, proporcionará aos discentes o desenvolvimento intelectual.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Spicione, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Literatura Infantil: teoria, análise e didática**. 6 ed. São Paulo: Moderna, 1997.

_____. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.

COLASANTI, Marina. **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. 10 ed. São Paulo: Global, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho d'água, 1997.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1997.

_____; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: Histórias e Histórias**. São Paulo: Ática, 2007.

REZENDE, Irene Severina. **O Fantástico no contexto socio-cultural do século XX: José J. Veiga (Brasil) e Mia Couto (Moçambique)**. 2008. 241f. (Tese de doutorado) – Faculdade de filosofia, letras e ciências sociais. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-24092009-151407>>. Acesso em 16 de out. de 2012.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.